

The background of the cover is a black wire mesh grid. A thick, dark brown branch runs horizontally across the middle. To the left, a green stem with several bright yellow flowers reaches up towards the branch. To the right, another green stem with leaves and a small bud is visible. The overall scene is set against a light-colored, textured wall.

DAVID INÁCIO

NA CADEIA
DOS TEUS
BRAÇOS

FICHA TÉCNICA

Autor: David Inácio[©]

Título: *Na Cadeia dos Teus Braços*

Edição: Associação Cultural de Cascais e Apenas Livros

Prefácio e revisão: José d'Encarnação

Impressão: ULZAMA DIGITAL

Novembro de 2019

ISBN: 978-972-9406-53-2 (POD)

Apresentação

O lirismo à flor da pele

A análise que o Professor Ernesto Guerra da Cal fez à propensão inata de Isolina Alves Santos para alinhar no papel as rimas que o quotidiano lhe sugeria aplica-se também a David Inácio. Na verdade, uma festa, um passeio, um aniversário, uma minissaia ousada («Minissaia travadinha / Com suas pernas ao léu / É minhota bonitinha / Seu nome, Maria do Céu»)... tudo são pretextos bons para versos de ocasião, que parecem nascer espontâneos, qual água cristalina a jorrar murmurante da fonte.

Serão pobres as rimas do ponto de vista morfológico, ainda que o ritmo varie e não se mantenha agarrado exclusivamente às quadras, tentando David Inácio apenas uma vez ensaiar coplas obrigadas a mote, bem ao jeito do Alentejo e do Algarve. Isolina não andou na escola; David Inácio fez a quarta classe e passou a maior parte da vida agarrado às pedras, que laboriosamente trabalhava como canteiro, seguindo a tradição dos seus antepassados e patrícios corotelenses e são-brasenses em geral que, na década de 50, demandaram a freguesia de Cascais para, do azulino informe, lavrarem vergas, peitoris, soleiras ou, simplesmente, faixas ou forro a ponteiro e a melão...

Quiçá o cantar da maceta no ponteiro e no escopro lhe houvesse, um dia, segredado rimas. Provavelmente, não – que são -brasense que se preza anda com os versos na ponta da língua, na esteira do Aleixo, que por lá vendia cautelas e esbanjava versos a torto e a direito, mormente quando, na espera da carreira para Loulé, à mesa da taberna, houvesse quem o desafiasse numa desgarrada...

Algo distingue, porém, os escritos de David Inácio dos de Isolina, só para o comparar com essa poeta popular que a Associação Cultural de Cascais não hesitou, em colaboração com a Junta de Freguesia de Alcabideche, em mui gostosamente publicar. Isolina vivia o quotidiano (sim, as festas, os aniversários...), mas importava-se também com as crianças, as flores... David Inácio teve uma vida diferente e, se Isolina nos parecia que poetara a vida toda, o David – tal como Natael Riango – só começou a lançar-se nos braços das musas, quando a sua Musa partiu e ele se aposentou. Algo lá dentro, as tais ressonâncias antigas meridionais (digo eu...), algo lhe disse que deveria ser poeta.

E como tal se assumiu, depois de haver experimentado e se ter dado bem. E aí está *Chamaste-me Rouxinol* (2008) para o provar. Amiúde o revela neste livro, num berço de contentamento incontido:

*Embora poeta amador
Escrevo em linha recta
Eu escrevo com amor
É bom sentir-me poeta*

A sua Musa partiu. Ficou um vazio, ficou a saudade... Contudo, a ternura com que, em vida, a envolvera não poderia morrer – que algarvio sabe dar a volta por cima e até colhe figos-da-Índia sem se deixar picar. E transvazou. E alargou-se a quantas senhoras com ele convivem, na vizinhança e, de modo muito especial, no centro de convívio da Associação dos Idosos de Santa Iria, que, naturalmente, passou a frequentar.

Escolhi para título o verso de um dos poemas que melhor representa, a meu ver, o tom geral do livro: enamorado, o Poeta quer ver-se prisioneiro. A ideia não é nova – já lá vamos também a este tema – mas David Inácio adopta-a com uma singeleza própria. Começa por chamar louca à Amada e recri-

mina-a por espalhar boatos a seu respeito. No fundo, o que poderia ser ofensa ou, como hoje se diz, acusação de assédio sexual e, por isso mesmo, crime digno de prisão é encarado pelo Poeta como sendo para ele uma benesse: sim, faz isso, prende-me! Evocaria eu aqui o desejo da raposa *d'O Principezinho*: «Cativa-me!», que eu fique cativa de ti! Vale a pena reler (pondo-lhe eu a pontuação, que o Poeta a não quis pôr, deixando-a sempre à nossa vontade):

– *Ouve lá, ó minha louca!*
Que andas para aí a dizer?
Por pedir coisa tão pouca,
Queres me mandar prender?

Sim, bem pouco ele pedira: um beijinho! Levado, porém, pela inesperada reacção, foi mais longe o seu pedir:

Seja a tua casa a prisão
E que nela haja espaços
Para prenderes meu coração
Na cadeia dos teus braços

Se, à primeira vista, apenas se diria que «espaços» está ali só para rimar com «braços», o certo é que o efeito ganha assim dimensão maior: quer uma prisão espaçosa, um coração largo para, embora preso – ou justamente por ali estar preso –, nela se poder espriar! Um saboroso contraste, este, que saiu natural, entre os espaços que se desejam e a cadeia, a prisão, de imagens sempre exíguas, acanhadas. Prisão, cadeia, prender! – por um lado; espaços, coração, braços – a trilogia oposta, a requerer liberdade!

Não resisto a comentar também a frequência com que, ao longo dos poemas, além do vocábulo «sonho», surge a palavra «beijinho», neste carinhoso diminutivo que tão desgastado ho-

je está, utilizado a torto e a direito, amiúde palavra sem o conteúdo ou, ao invés, palavra a sublinhar o beijinho que já se deu. «Beijinhos!» – não há telefonema algum que, nesta segunda década do século XXI, com tal exclamação não termine. Beijar tornou-se banal, mesmo entre pessoas que acabaram de se conhecer. E, porventura, aí reside a coragem – outros dirão «a timidez»!... – de David Inácio: devolver ao beijinho o primordial significado. Algo que se dá porque se gosta, numa sincera demonstração de ternura e de atenção. Para o Poeta, o beijo é... tudo! E, nesse aspecto, há uma das quadras que o reflecte de forma singela mas plena de perspicácia:

*O beijo que prometeste
Porque não mo deste já?
Diz-me onde o escondeste
Que eu vou procurá-lo lá!*

Quem o proclamaria com maior poder sugestivo?!...

000

Reconhece David Inácio que só muito tarde sentiu esta inclinação poética.

Na já não muito breve experiência da Associação Cultural de Cascais não foi esta a primeira vez que ouvimos tal reconhecer. João Baptista Coelho, residente em Tires, seguramente um dos mais premiados autores em Jogos Florais (quase um milhar de primeiros prémios, se não erro), também começou após se haver reformado. Celestino Costa, «lavrador de pedras e de versos», abeirava-se dos 60 anos quando lhe publicámos *A Minha Terra e Eu*. E foi a exemplo seu que Natael Rianço, alentejano, também já sexagenário, se lançou nessas lides, e a Professora Ana Paula Guimarães, quando apresentou, na Abóboda, a 24 de Fevereiro de 1997, o seu primeiro livro, *Escrevo*

ao Sabor da Pena, não deixou de sublinhar esse carácter espontâneo que tão bem o caracterizava:

*Eu versos não sei fazer
Disso estou bem convencido
Faço versos, podem crer,
Só para estar entretido.*

Não conhecia David Inácio esta quadra do Natael quando estoutra lhe surgiu:

*Quando vem o pensamento
E diz: vai-te entreter
Ele é chegado o momento
De começar a escrever*

Num e noutro, a poesia como entretenimento. Poesia que facilmente se associa ao canto, pois, como acentuou o professor Ernesto Guerra da Cal, por aqui nos soam ecos da poesia trovadoresca, que tinha no canto a sua natural expressão. Entretenimento e consolo perante a solidão, as agruras quotidianas:

*Eu canto para não chorar
Chorando canto também
Eu canto para disfarçar
A dor que a solidão tem.*

E, chegados aqui, os mais versados nestas lides hão-de parar. Onde é que eu já ouvi isto? Respondo: na voz quente e meia rouca, que tão cedo nos deixou, do Chico Stoffel:

*Eu canto p'ra não chorar
Chorando canto também
Eu vivo só p'ra cantar
Toda a dor que a vida tem*

A letra é de Manuel Andrade, o fado foi cantado depois por Carlos do Carmo e há versões brasileiras diversas. Plágio? Não. David Inácio nunca ouviu o Chico Stoffel. A ideia é, todavia, tão genuína, sai tão facilmente cá de dentro, nesta natural antinomia entre **chorar** e **cantar**, que poderia ter surgido em autores que jamais haviam conhecido os poemas duns ou doutros.

Conta Celestino Costa (*Nomes ou Alcinhas das Pessoas dos Meus Livros*, 1993, p. 18) que, «em 1946, João da Mata vivia com a fadista Quinita Gomes e ela “deixou-o” e ele com desgosto escreveu a quadra: “Se deixaste de ser minha / Não deixei de ser quem era / Por morrer uma andorinha / Não acaba a Primavera”. O seu colega e amigo Frederico de Brito, depois de ele morrer, juntou a essa quadra mais quatro quadras, que resultaram no fado *Por morrer uma andorinha*», recordado na voz de Carlos do Carmo e apenas atribuído a Frederico de Brito.

Quando, a 6 de Julho de 1992, Alice Vieira apresentou *A Minha Terra e Eu*, frisou como, amiúde, determinados versos ou mesmo quadras entram de tal modo no quotidiano que a sua autoria se perde. Exemplificou com a bem conhecida quadra «Ó minha mãe, minha mãe / Ó minha mãe, minha amada / Quem tem uma mãe tem tudo / Quem não tem mãe não tem nada». Quem é o autor? O Povo, responder-se-á de imediato. Mas... será? Muito conhecida a versão cantada por Zeca Afonso e por Adriano Correia de Oliveira. E anota-se, nessa versão do fado coimbrão, que, sim, a 1ª quadra é popular, mas as outras duas são da autoria de José Manuel Cerqueira. Curiosamente como aconteceu com a quadra do João Mata.

No caso de David Inácio, isso mesmo sucedeu: agarrou nos dois primeiros versos e como que os glosou de seguida, noutra versão, ainda que em ambos a dor esteja presente. Stoffel vi-

via «pra cantar toda a dor que a vida tem»; David Inácio canta «para disfarçar a dor que a solidão tem».

Refiram-se, já agora, dois outros casos. Tal como Francisco José, o Poeta acha os «olhos castanhos de encantos tamanhos» – e, aqui, esta rima está tão arreigada no Povo que se ousaria dizer que deixou de pertencer a um autor para cair no domínio público! O mesmo ousaria eu dizer em relação aos versos atribuídos a Manuel Dias Nunes (1901), que integram o cancionero popular do Baixo Alentejo e foram, por exemplo, recolhidos em Serpa:

*Eu não sei se vá se fique
Não sei se fique se vá
Se vou lá não fico aqui
Se fico aqui não vou lá*

Uma pesquisa na Internet mostrar-nos-á que Ruth Rocha os utilizou assim: «Não sei se vá ou se fique / Não sei se fique ou se vá / Se eu for eu não fico aqui / Se eu ficar eu não vou lá». E Theo Brandão incluiu-os nas «trovas populares de Alagoas». Em que... ficamos? David Inácio reproduziu exactamente a quadra alentejana e foi por aí na conversa com a sua amada: fico ou não? E decidiu-se:

*Ao pé de ti fico bem
Oh! que prazer que me dá
Adoro-te como ninguém
É melhor eu não ir lá*

Ficamos assim com um Poeta que vive intensamente a vida. E que ajuda os outros a vivê-la também. Não esquece as belezas da sua freguesia. Não deixa de referir o dinamismo da sua colectividade da Charneca e as iniciativas que faz. Canta os passeios com a sua Associação dos Idosos de Santa Iria: à

Quinta da Feteira, onde dançou «com quem contava» e «com quem não esperava»; ao Preço Certo, «O programa é uma beleza!»; à Herdade da Argamassa, em Vila Nova de Milfontes, a propósito do qual confessa: «Hoje não estou inspirado / Sinto um pouco de tristeza / Mas não vou ficar calado / A festa foi uma beleza». Relata as festividades que pautam a vida comunitária. Sensível às estações do ano, sabe dialogar com um passarinho amigo e deliciar-se com a paisagem: «Pelos campos vou andando / Devagar dou meus passinhos / Os poemas vou escrevendo / Ouço cantar os passarinhos». Em dia de aniversário, os versos do David não podem faltar, não! E ele até já tem um modelo, que muda consoante os nomes e as características das pessoas! Brinca com as preferências clubistas: «Naquela casa amarela / Que ali ao longe se avista / Quem lá mora dentro dela / É uma grande benfiquista»... Enfim, uma vida!

Uma vida por onde perpassa, sempre presente, a figura da mulher amada

*Prometeste-me que vinhas
Num dia de Primavera
Foram embora as andorinhas
Ainda estou à tua espera*

*À sombra da azinheira
Eu escrevi com fervor
Descobre lá a maneira
De me dares o teu amor*

O lirismo omnipresente, à flor da pele. Um lirismo platónico, diríamos, se víssemos nos poemas de David Inácio uma elaboração literária, haurida em livros. Não o poderemos, no entanto, classificar assim, porque o seu coração se alimenta do concreto.

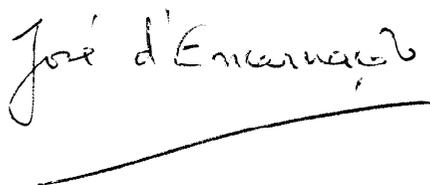
E eu não posso acabar esta conversa que o livro me despertou sem a referência a um outro autor, que – salvas as devidas proporções – muito tem, a meu ver, de comum com o Poeta. Catedrático de História, septuagenário como David, João Lourenço Roque refugiou-se, após a reforma, na sua aldeia beirã. Não conta em verso os caminhos dos seus dias; relata-os em «digressões interiores» no jornal *Reconquista*, que depois reúne em livro. E onde é que está a semelhança? É que quase não há crónica em que se não dirija à mulher amada – essa, sim, de amor platónico! Transcrevo:

«Tristonho e solitário fujo das multidões em dias festivos. Se pudesse escondia-me no teu nome e no eco das tuas palavras. Ou na luz dos teus olhos que trago no meu olhar».

«Não sei que mais caminhos inventar e percorrer. Fazes-me falta em tantos sítios e pensamentos, aqui tão longe nas manhãs desencontradas».

Os desencontros do David e do João. A mesma vontade de encontrar «outros rostos», «outras palavras nas tardes que eram nossas». É ainda o João; mas poderia ser o David. No entardecer morno de uma existência sofrida a que um beijinho ou uma palavra haveriam de emprestar maior calor!...

Cascais, 21 de Março de 2018, ao nascer da Primavera

A handwritten signature in black ink that reads "José d'Encarnação". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal stroke.

(Associação Cultural de Cascais)

Algarve é a minha terra
São Brás de Alportel meu concelho
Fica à beirinha da serra
A sul de Barranco do Velho



Associação Cultural de Cascais

ISBN: 978-972-9405-53-2



9 789729 405532